



***DISCUTINDO GÊNERO A PARTIR DO CURRÍCULO DA SÉRIE ANNE WITH
ANE***

***DISCUTIENDO EL GÉNERO A PARTIR DEL CURRÍCULO DE LA SERIE ANNE
CON UN E***

***DISCUSSING GENDER THROUGH THE CURRICULUM OF THE SERIES
ANNE WITH AN E***

Karina da Silva Figueiredo¹

Luíza Cristina Silva Silva²

RESUMO

Este artigo tem por objetivo divulgar uma análise sobre como as questões das relações de gênero, que aparecem na trajetória da personagem Anne Shirley-Cuthbert, da série “Anne com um E”, podem suscitar proposições curriculares. Partindo de uma fundamentação teórica baseada em Marlucy Paraíso (2007, 2012), Sandra Corazza (2001, 2003); Tomaz Tadeu da Silva (2013, 2003); entre outros, o currículo é tomado como um artefato cultural, que divulga saberes, modos de ser e existir e produz/reproduz relações de poder. A metodologia deste trabalho, de abordagem qualitativa e partindo de uma perspectiva pós-crítica, baseou-se também na Metodologia-Zapping, construída por Evanilson Gurgel e Marlécio Maknamara (2023). Os resultados obtidos possibilitam reconhecer que a série “Anne com um E” apresenta grande potencial educativo, demonstrando que artefatos

¹ Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL), experiência na área de educação infantil e educação superior, com ênfase em Ensino-Aprendizagem, atuando principalmente nos seguintes temas: formação de professores, arte e educação, gênero, sexualidade e relações étnico-raciais. Atualmente vinculada como colaboradora voluntária no Grupo de Pesquisa Juventudes, Culturas e Formação (GPEJUV-UFAL).

² Professora Adjunta na Universidade Federal de Alagoas (CEDU/UFAL). Doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal da Bahia (FACED/UFBA). Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Minas Gerais - FaE - UFMG, na linha de pesquisa em Currículos, Culturas e Diferença. Graduada em Geografia pela Universidade Federal de Viçosa (licenciatura e bacharelado). Graduada em Pedagogia pelo Centro Universitário Jorge Amado (2023). Especialista em Ensino de Geografia. Pesquisadora interessada nos estudos de Currículo, Ensino de Geografia, Relações de Gênero e Sexualidade, relações Étnico-raciais e Cartografias Contracoloniais.

culturais são recursos para a discussão de temáticas diversas, como a de gênero, por meio de um olhar analítico e atento aos cenários e vivências de personagens.

PALAVRAS-CHAVE: Currículo. Narrativas Seriadas. Anne com um E. Relações de Gênero.

RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo analizar cómo las cuestiones relacionadas con las relaciones de género, presentes en la trayectoria de la personaje Anne Shirley-Cuthbert, de la serie “Anne con un E”, pueden inspirar propuestas curriculares. A partir los trabajos de Marlucy Paraíso (2007, 2012), Sandra Corazza (2001, 2003), Tomaz Tadeu da Silva (2013, 2003), entre otros, el currículo se entiende como un artefacto cultural que difunde saberes, modos de ser y de existir, y produce/reproduce relaciones de poder. La metodología de este trabajo, de enfoque cualitativo y de perspectiva poscrítica, también se basó en la Metodología-Zapping, desarrollada por Evanilson Gurgel y Marlécio Maknamara (2023). Los resultados obtenidos permiten reconocer que “Anne con un E” presenta gran potencial educativo, demostrando que los artefactos culturales son recursos valiosos para el abordaje de temáticas como la de género, a través de una mirada analítica a los escenarios y vivencias de los personajes.

PALABRAS-CLAVE: Currículo. Narrativas Seriadas. Anne con un E. Relaciones de Género.

ABSTRACT

This article aims to present an analysis of how gender relations, as portrayed in the character Anne Shirley-Cuthbert's journey in the series “Anne with an E”, can inspire curricular propositions. Drawing on a theoretical framework based on the works of Marlucy Paraíso (2007, 2012), Sandra Corazza (2001, 2003), Tomaz Tadeu da Silva (2013, 2003), among others, the curriculum is understood as a cultural artifact that disseminates knowledge, ways of being and existing, and produces/reproduces power relations. The methodology of this work, with a qualitative approach and based on a post-critical perspective, also relied on the Zapping Methodology developed by Evanilson Gurgel and Marlécio Maknamara (2023). The results reveal that the series “Anne with an E” holds significant educational potential, demonstrating that cultural artifacts can serve as valuable resources for discussing themes such as gender, through an analytical lens attentive to the settings and experiences of the characters.

KEYWORDS: Curriculum. Serialized Narratives. Anne with an E. Gender Relations.

* * *

Introdução

A série “Anne com um E”, adaptada pelo canal CBC pela produção de Moira Walley-Beckett³ e distribuída pela plataforma de streaming *Netflix*, conta a história de

³ A história da pequena órfã foi originalmente escrita por Lucy Maud Montgomery em 1908 e já adaptada diversas vezes para a televisão e para o cinema. As produções mais conhecidas são a sequência de filmes iniciada em 1985, produzidos pela Sullivan Entertainment; o filme de 2016, dirigido por John Kent Harrison

Anne Shirley-Cuthbert, uma jovem ruiva de 11 anos, adotada por “acidente” por uma dupla de irmãos: Marilla e Matthew Cuthbert. A princípio, os irmãos desejavam adotar um menino para trabalhar na fazenda de Green Gables com Matthew, que envelhecia para cumprir as tarefas externas da casa. Contudo, por um erro de comunicação, a criança que receberam foi uma menina, considerada bastante geniosa pelos adultos ao seu redor. Apesar de terem pensado em não ficar com Anne, a dupla de irmãos se apaixonou por sua personalidade e resolveram adotá-la como filha.

Este artigo é um recorte reescrito de um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) de licenciatura em Pedagogia, que tinha por objetivo analisar como as questões de raça, gênero e sexualidade que aparecem na trajetória da personagem Anne Shirley-Cuthbert suscitam proposições curriculares. Para esta revista, trazemos em específico o recorte de gênero, refletindo quais as proposições curriculares sobre esse debate podem surgir a partir da análise das vivências de Anne na narrativa seriada.

Embora a série seja, idealmente, para um público infanto-juvenil, as narrativas retratadas em seu roteiro são de grande impacto nos modos de ser e existir dos sujeitos da narrativa seriada. De forma majoritariamente leve, a série traz reflexões sobre como diversos conceitos estão presentes e podem ser mobilizados em nosso cotidiano. Anne se depara com questões de gênero, raça e sexualidade, de forma direta ou indireta. Enquanto uma jovem menina, a protagonista enfrenta desafios em seu cotidiano com colegas de classe ou até com Matthew e Marilla, e para trazer essas reflexões para a pedagogia, e mais especificamente para a área do currículo, há a construção de um referencial teórico sobre gênero baseado em Guacira Louro (2008); Marília Carvalho (2012); Paulo Nogueira e Tales Santos (2021); Shirley Sales e Luíza Silva (2021) e Tomás Silva (2013).

Para alcançar o objetivo traçado para a construção dessas análises, foi feito um levantamento dos principais momentos da trajetória da personagem que poderiam ser resgatados para a reflexão sobre gênero, para que pudessem ser analisados a partir da bibliografia selecionada. Com a construção dessas análises, buscou-se traçar proposições curriculares na educação, que podem ser exploradas no curso de pedagogia. Os procedimentos metodológicos em específico estarão mais à frente neste artigo.

Vale ressaltar inicialmente que, para a construção deste trabalho, a série “Anne com um E” é considerada um artefato cultural, ou seja, que é constituído por um conjunto de conhecimentos e saberes construídos social e culturalmente, segundo Marlucy Paraíso

e a série analisada, Anne *with an E*. Há também desenhos animados e dois animes com a história da personagem.

(2007, p. 93). Partindo deste artefato, pode-se construir um currículo cultural, que cumpre também um papel formativo, divulga saberes, produz modos de ser e existir e gera relações de poder.

Tomás Tadeu da Silva (2013, p. 135) também destaca o currículo como artefato cultural na medida em que é uma invenção social e que seu conteúdo é uma construção social. Assim, para as análises construídas neste artigo, o currículo carrega implicitamente uma ideia de subjetivação, de sujeito, que se quer formar (Sandra Corazza; Tomás Tadeu, 2003, p. 38), assim como é também um território em disputa, um território político (Silva, 2013, p. 148), no qual há embates pela delimitação dos conteúdos que poderão ou não ser estudados em sala de aula.

Para responder a questão orientadora desta pesquisa, sobre como as questões de gênero que aparecem na trajetória da personagem Anne podem suscitar proposições curriculares, o artigo está dividido 6 (seis) tópicos: introdução; “Sobre construção de gênero”; “A cultura do estupro – ‘mulheres com reputação não tem escolhas’”; “O juramento das meninas, a fuga do casamento, a Tia Josephine e novas possibilidades de ser mulher”; Procedimentos Metodológicos e Considerações Finais, seguidos pelas referências.

Sobre construção de gênero

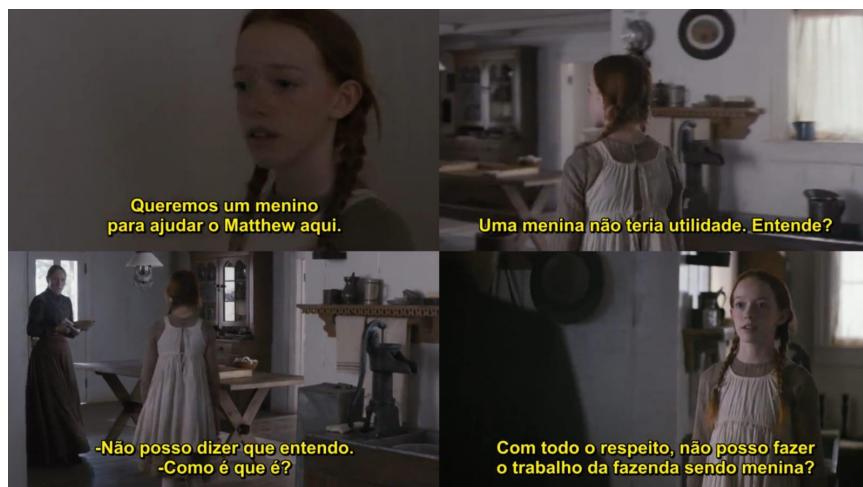
Anne Shirley-Cuthbert sempre foi considerada uma menina de gênio forte, por “falar demais”, por duvidar, por não aceitar as imposições sociais sobre como deveria ser. Na série, Anne foi punida de forma direta e indireta por sua personalidade questionadora e impetuosa, seja pelos adultos de sua convivência ou pelos colegas de sua idade. Um dos principais pontos questionados repetidamente pela protagonista é um que a afeta diretamente a ela: as questões de gênero. Desde o início de sua história, quando é adotada pelos irmãos Cuthbert, Anne já questiona o porquê de ser preterida a um menino, como se fosse incapaz de cumprir as funções “masculinas”.

Nos anos que se seguem, acompanhamos Anne crescendo e, junto com ela, sua frustração com as injustiças que presencia e sofre. Com o tempo a personagem se envolve em embates e vivências que deflagram essas injustiças, algumas das quais analisamos neste capítulo, com foco na discussão de gênero.

Uma das principais características de Anne é sua imaginação, além do seu cabelo ruivo, é claro. Diversas foram as vezes que Anne foi punida ou julgada por falar demais,

já que, como menina, ela não devia falar, negar ou opinar; algo impossível para a jovem protagonista. Logo no primeiro episódio da série, ao chegar a Green Gables, Anne busca entender porque os irmãos Cuthbert não podem ficar com ela. Marilla diz para Anne que precisam de um menino que faça o trabalho na fazenda, então uma menina não teria utilidade. Anne afirma não entender e, após a cena destacada na imagem a seguir (na qual questiona à Marilla sobre por que não poderia fazer o trabalho na fazenda sendo uma menina) afirma que é forte e capaz de fazer o trabalho na fazenda, ainda questionando se a Srta. Cuthbert se considera “frágil ou incapaz”, uma vez que ela não se considera. Marilla apenas afirma que não é assim que as coisas funcionam, e para Anne tirar “essas tolices da cabeça”.

Figura 1: Marilla responde à Anne porque precisam de um menino



Fonte: Recorte do episódio um da primeira temporada de Anne com um E.

Algumas cenas adiante, durante o café-da-manhã, Marilla repreende Anne por ser “uma menina que fala demais”, e aqui há um destaque para a dublagem, pois na legenda foi traduzido apenas para “você fala demais”. Em ambas as versões há a repreensão da personagem por falar demais, que não era a primeira e nem seria a última para a personagem. Posteriormente Anne também foi repreendida pelo professor, pelo pastor, por outros adultos e até pela nova professora, desta vez por “fotocar”⁴.

Essas repreensões buscavam fazer com que Anne performasse, de maneira ideal, o que seria ser uma mulher, ou uma menina educada que se formaria uma mulher ideal,

⁴ Na cena em questão, Anne tem o objetivo de impressionar a professora e atualizá-la sobre quem são seus colegas de turma, comportamento ingênuo da personagem, mas compreendido como fofoca pela professora, que pede a personagem para fazer um trabalho escrito sobre os perigos da fofoca e a importância da empatia.

delicada, cuidadosa, subserviente. Essas características vinculadas a uma performance de gênero, embora focadas no aspecto comportamental, refletem-se também em outros elementos que são enquadrados em femininos e masculinos, embora não tenham relação com um corpo humano ou animal. Marília Carvalho (ano, p. 405) afirma que:

O conjunto de símbolos estabelecido em cada sociedade, a partir da observação das diferenças sexuais, pode também servir para interpretar e estabelecer significados que não têm relação direta com o corpo, a sexualidade, nem as relações entre homem e mulher (...) Por isso falava inicialmente sobre cores, astros, instâncias sociais e atividades humanas, como elementos que são percebidos, simbolizados e hierarquizados tendo como referência o gênero (...) Trata-se de uma operação simbólica que atribui, por exemplo, à cor rosa ou à lua características de feminilidade (e, por oposição, ao azul e ao sol, de masculinidade), hierarquizando-as.

A autora traz à tona o quanto as atribuições de gênero estão desvinculadas de um corpo real, e se relacionam com aspectos subjetivos, que modificam-se histórica e culturalmente, reforçando a noção de gênero como uma construção social. Anne se depara com essa questão quando vai cumprir uma tarefa na cidade e veste-se com roupas que a fazem ser vista como um garoto. Ela percebe que, apenas por trocar de roupas e prender o cabelo, passa a ser vista como um menino, e consequentemente a ser tratada como um, recebendo até uma gorjeta de um estranho por ajudar a descarregar alguns produtos. Apenas roupas diferentes fizeram com que Anne se tornasse outra pessoa, mudasse de gênero aos olhos dos outros, tendo acesso a outra experiência social. A compreensão de que as noções de gênero vão além de aspectos corporais traz uma nova lente para observar o que compreendemos por feminino e masculino e como atribuímos essas noções no nosso dia a dia.

A construção de gênero, dentro e fora dos espaços escolares, se dá vinculada ao corpo, mas não apenas através dele. Segundo Guacira Louro (2008, p. 18) “A construção de gênero e da sexualidade dá-se ao longo de toda a vida, continuamente, infindavelmente”, e consideramos também que através de um currículo cultural, que é aquele que por meio de artefatos culturais, que podem ser diversos, cumpre um papel formativo.

Por meio da punição e recompensa, houve um processo de construção social de gênero que permeava a personagem Anne na série, moldando seus comportamentos para se adequarem ao perfil ideal e esperado. Por meio de processos culturais a protagonista

passa a performar características que, com o tempo, são internalizadas e naturalizadas por ela, mesmo que com alguns “deslizes”⁵. Nas palavras de Louro (2008, p. 18)

A construção dos gêneros e das sexualidades dá-se através de inúmeras aprendizagens e práticas, insinua-se nas mais distintas situações, é empreendida de modo explícito ou dissimulado por um conjunto inesgotável de instâncias sociais e culturais. É um processo minucioso, sutil, sempre inacabado.

Essa natureza inacabada da construção social do gênero se mostra constantemente na trajetória dos personagens jovens na série, principalmente as personagens femininas. Vemos de forma marcante quando, no quarto episódio da segunda temporada, a Senhora Barry diz a sua filha, Diana, na época com 14 (quatorze) ou 15 (quinze) anos, que ela deverá aprender a ser uma dama (visando o futuro da filha na Escola de Etiqueta em Paris). Pouco tempo depois, vemos Anne e Diana, que são melhores amigas, lendo alguns trechos do livro sobre como deve se portar uma dama, ambas demonstrando estarem assustadas e preocupadas.

Figura 2: Anne e Diana falam sobre o livro de etiqueta



Fonte: Recorte do episódio quatro da segunda temporada de Anne com um E.

A ideia da Sra. Barry de formar as filhas como damas, como senhoras da sociedade, significa para ela ensinar os bons modos necessários (as regras de etiqueta) que permitiriam que as meninas se encaixassem como mulheres, quando chegasse o

⁵ Anne ainda era bastante teimosa e não aceitava ideias e opiniões tão facilmente como era esperado que aceitasse. Um grande caso foi quando publicou uma matéria sozinha no jornal, que será explorado mais a fundo ainda neste artigo.

momento. Em cenas anteriores, o Senhor Barry já falava sobre o casamento de suas filhas, em tom vexatório, com a certeza de que se casariam bem. Ao ensiná-las a serem damas, a mãe das meninas estava ensinando, nada mais nada menos, a maneira de performar uma mulher ideal. A mãe persiste na ideia de formar Diana e sua irmã Minnie May (que tem aproximadamente seis anos) como damas por mais algum tempo na narrativa da série, contudo acaba voltando atrás em determinado momento⁶ e permitindo que as meninas vivenciem suas infâncias, como a própria Diana destaca posteriormente ao falar com Anne, sobre estar livre para “ser uma menina” de novo.

É interessante como, na narrativa de “Anne com um E”, a compreensão de gênero como uma construção social pode ser observada. A família, escola e igreja são instâncias sociais que nos ensinam diversas formas de como se deve “ser homem” e “ser mulher”, demonstrando o quanto essas noções são construídas dentro de uma cultura e de uma sociedade, e também vale ressaltar, de um recorte histórico. A ideia de se construir como mulher surge como um sussurro ao vermos a cena de Anne e Diana com o livro de etiqueta. Há uma série de conteúdos que as meninas precisariam aprender para se tornarem verdadeiras damas da sociedade. Há um currículo a ser seguido, uma série de normas a serem aprendidas e que surgem como um conjunto de conhecimentos sobre o mundo em que as meninas estão inseridas. Isso nos é uma ideia comum, cotidiana, afinal nos deparamos por todos os lados com as normas de como deveríamos ser e nos portar para enquadrar em um estereótipo de gênero. Ao definirem gênero, Shirley Sales e Luíza Silva (2021, p. 14) afirmam que é

[...] um conjunto de normas que prescrevem o que é feminino ou masculino; um dispositivo cultural que nomeia, hierarquiza, categoriza modos de vida e assim organiza e divide o mundo a partir do que se entende como feminino e masculino.

Essa prescrição do que é masculino e feminino, que divide o mundo a partir de uma visão binária de gênero (em que ou é feminino ou é masculino, apenas essas duas opções), pode ser observada no decorrer da narrativa da série. As noções de gênero se fazem presentes não apenas na construção da semelhança, mas também da diferença entre

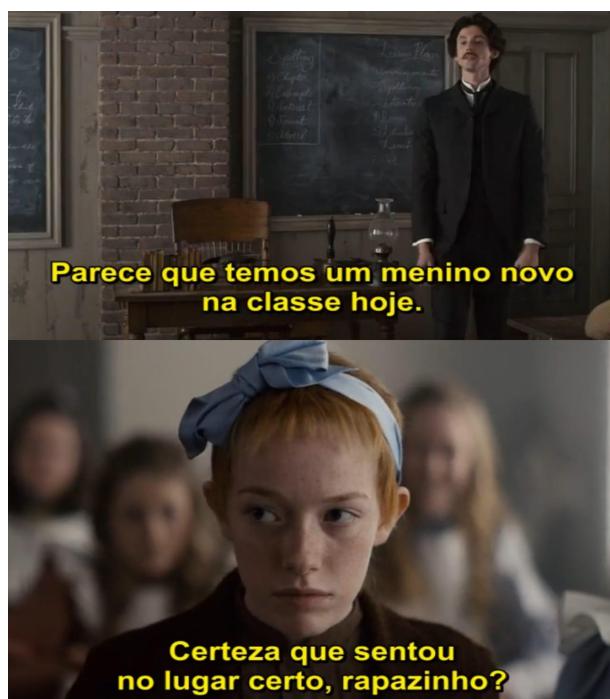
⁶ A reviravolta no pensamento da Sra. Barry surge quando ela percebe que o amadurecimento forçado fez com que as irmãs se afastassem, e que parte dessa necessidade de educar as meninas surgia da falta de comunicação entre ela e o marido.

feminino e masculino. Na sala de aula de Anne vemos que, de forma “natural”, as meninas sentam-se de um lado da sala enquanto os meninos sentam de outro.

Antes de prosseguir, é interessante ressaltar a ideia de que não há naturalidade de movimento de separação entre os gêneros, por exemplo, numa sala de aula. Na série, as meninas e os meninos são condicionados, desde novos, a não se aproximarem, a se distanciarem uns dos outros. Isso é tão marcante para as personagens que em determinado momento, enquanto ensaiam para uma coreografia em casais, as meninas começam a ficarem preocupadas por estarem grávidas, apenas por tocarem os colegas. Isso demonstra não só uma diferenciação por gêneros, mas também uma “inocência” forçada às meninas, afinal não poderiam jamais saber como se dá a concepção de um bebê.

A separação entre meninos e meninas se faz marcante na série em dois momentos, a partir de duas falas do professor Phillips: (1) quando ele diz a Cole Mackenzie para se sentar com as meninas por causa de suas “tendências femininas” e (2) quando ele questiona se Anne está sentada do lado certo quando ela aparece com os cabelos curtos. A primeira cena é explorada em um capítulo sobre sexualidade do Trabalho de Conclusão de Curso, então seguiremos analisando a segunda.

Figura 3: Professor Phillips questiona Anne sobre ser um menino



Fonte: Recorte do episódio seis da segunda temporada de Anne com um E.

No sexto episódio da segunda temporada, Anne aparece na escola com os cabelos curtíssimos depois de uma tentativa de pintá-los de preto e, accidentalmente, o ruivo ficado verde. O professor, ao vê-la sentada em seu lugar costumeiro, faz uma piadinha sobre ter um novo aluno na sala, apenas a fim de constranger a menina. Vale ressaltar que Anne sempre foi muito atenta à sua aparência, de uma forma negativa. Em qualquer oportunidade a menina fala do “martírio de sua existência”, seus cabelos “vermelhos demais”. Contudo, Anne sempre se magoa quando a julgam por isso, algo que ocorre constantemente. Como exemplo pode-se destacar o primeiro encontro da protagonista com a Sra. Rachel Lynde, vizinha de Green Gables e famosa por sempre saber de tudo, para quem a menina gritou ofensas após a mulher ter feito referência às características físicas que eram consideradas negativas pela personagem (magra demais, sem graça, muitas sardas e cabelos vermelhos).

O conceito de gênero não apenas descreve as interações entre homens e mulheres, mas é uma categoria teórica referida a um conjunto de significados e símbolos construídos sobre a base da percepção da diferença sexual, os quais são utilizados na compreensão de todo o universo observado, incluindo as relações sociais e, as relações entre homens e mulheres (Carvalho, 2012, p. 404).

É facilmente observável como os significados atribuídos à aparência física afetam os personagens da série, tanto para com as meninas quanto para com os meninos, embora com pesos e implicações diferentes. A preocupação com o corpo e a aparência, que tanto afligia Anne, é algo comumente atribuído às mulheres. Embora a preocupação com o corpo seja algo de maior impacto em nosso tempo, a série mostra também uma Anne preocupada, com seu corpo magro demais, os cabelos ruivos e as sardas que não permitem que ela seja considerada bela para a sociedade local. São tantas as regras para se formar como uma dama aceitável para a sociedade, como desejava a Sra. Barry para suas filhas, que se torna imprescindível que as mulheres estejam atentas à sua postura, seus corpos, suas roupas, seus cabelos e tudo mais, afinal, há diversos “especialistas” na sociedade que vivem dizendo como se deve agir.

“Especialistas” das mais diversas áreas dizem-nos o que vestir, como andar, o que comer (como e quando e quanto comer), o que fazer para conquistar (e para manter) um parceiro ou parceira amoroso/a, como se apresentar para conseguir um emprego (ou para ir a uma festa), como “ficar de bem com a vida”, como se mostrar sensual, como apresentar sucesso, como... ser (Louro, 2008, p.18-19).

A compreensão dessa realidade, de vigilância e correção constante, traz à tona um currículo que está oculto na sociedade. Segundo Tomaz Tadeu da Silva (2013, p. 78), “O currículo oculto é constituído por todos aqueles aspectos do ambiente escolar que, sem fazer parte do currículo oficial, explícito, contribuem, de forma implícita, para aprendizagens sociais relevantes”. Esse currículo apresenta uma dimensão formativa marcante para a identidade dos sujeitos. Nas palavras do autor:

Numa perspectiva mais ampla, aprendem-se, através do currículo oculto, atitudes e valores próprios de outras esferas sociais, como, por exemplo, aqueles ligados à nacionalidade. Mais recentemente, nas análises que consideram também as dimensões do gênero, da sexualidade ou da raça, aprendem-se, no currículo oculto, como ser homem ou mulher, como ser heterosexual, bem como a identificação com uma raça ou etnia (Silva, 2013, p. 79).

O currículo oculto surge nas relações cotidianas por meio de normas não escritas que são aprendidas, mesmo que não estejam explícitas. Por meio dele se aprende o que pode ou não ser dito, feito, as formas com que interagir e, considerando o exemplo da série, onde podemos sentar ou com quem podemos falar.

É importante ressaltar que a performance de gênero não se reduz apenas ao gênero feminino. Há comportamentos esperados e desejados para os meninos e homens, que normalmente devem refletir numa postura imponente, forte, insensível e controladora. Quando, nessa perspectiva, há divergência dessas posturas, surge de maneira marcante a questão da existência da linearidade entre gênero e sexualidade (uma mulher que não é feminina o suficiente com certeza é lésbica, e o mesmo para o caso contrário, com homens “afeminados”).

E quantas vezes isso aparece em nosso cotidiano na escola? Os apelidos “Maria macho”, “Mariquinha”, “Vara pau”, “Rolha de poço”... Quantas vezes são criados apelidos maldosos com o intuito de ofender corpos que desviam do padrão físico e de comportamento ideal? Além disso, como na cena destacada da série em que o professor Phillips provoca Anne, muitas vezes há professoras e professores que reforçam estereótipos e/ou possibilitam que essas atitudes permaneçam em sala de aula.

De uma forma geral, existem mecanismos dentro dos espaços educacionais que cumprem a função de generificar os corpos, construir lógicas de reprodução das assimetrias entre homens e mulheres. Esse processo é tão forte e naturalizado, visto como algo normal no cotidiano

escolar, e cada pessoa que, de alguma forma, não cumpre a norma estabelecida para seu gênero, pode vir a ser punida (Nogueira; Santos, 2021, p. 15).

A forma como se constroem as relações de gênero na série exemplificam a noção de currículo como um artefato cultural que divulga saberes e modos de ser, a fim de produzir sujeitos de determinado tipo, uma vez que pode-se observar as(os) personagens se adaptando a uma realidade que se constroi ao redor delas(es). Segundo Tomaz Tadeu da Silva (2013, p. 97) “o currículo é, entre outras coisas, um artefato de gênero: um artefato que, ao mesmo tempo, corporifica e produz relações de gênero”. Nos episódios, nas vivências dos personagens, pode-se vislumbrar um currículo que permeiam as interações, criando e moldando os sujeitos, mobilizando relações de poder no cotidiano das interações na escola e, claro, fora dela também.

Um tópico interessante a ser destacado da série é a presença do Círculo de Costura das Mães Progressistas (CCMP). Esse círculo é composto por algumas mães de meninas da comunidade, mas sem ignorar o recorte de classe social, uma vez que envolve apenas algumas famílias de classe média e alta. Na cena em que se apresentam para Marilla Cuthbert, as Senhoras Andrews e Pye falam que elas se unem para discutir o futuro educacional de suas filhas, mas também tomam chá e bordam, “claro”.

O CCMP aparece em diversos outros momentos da série, em que discutem e se apresentam como progressistas, como inspiradas pelo movimento feminista, mas ao mesmo tempo julgando outras personagens por seus posicionamentos e ideais, por serem “progressistas demais”, como Anne e a Srt^a Stacy⁷. A menção ao grupo se faz relevante quando se considera que, mesmo em um espaço em que a mudança é bem-vinda, o que difere um pouco da norma continua sendo julgado e punido.

A cultura do estupro - "mulheres com reputação não tem escolhas"⁸

No sexto episódio da terceira temporada da série, Josie Pye, uma jovem com a mesma faixa-etária de Anne (16 anos), é convidada por seu pretendente, Billy Andrews, para fora do salão durante uma festa da comunidade. Ao saírem, Billy a beija e, quando Josie resolve voltar, ele a conduz até a parede e a beija novamente, tocando-a. A menina

⁷ Que aparece posteriormente na série para substituir o professor Phillips, após sua saída no final da primeira temporada

⁸ Fala da mãe de Josie Pye para a jovem de 16 anos, após a menina ter sido assediada e a comunidade julgá-la.

se desvencilha dele e volta ao salão, abalada com a situação, enquanto o menino diz: “Achou que eu queria vir aqui para conversar?”. Quando Billy volta ao salão, vemos ele comentando algo com o colega ao lado, e quando a cena se aproxima ouvimos ele dizer: “Ela não aguentou esperar até o casamento”. No decorrer das próximas cenas, vemos a fofoca se espalhar entre os outros jovens da festa, e ouvimos sussurros sobre eles terem tido “intimidades”. Anne é a primeira a perceber e reagir, vendo Josie assustada e Billy convencido, indo confrontá-lo. Billy se defende falando que Anne não sabe do que está falando, e que Josie “se arrependeu de não ter decência”.

Esse acontecimento gera repercussões por mais alguns episódios na narrativa da série, em que vemos Josie Pye sendo culpabilizada, sua dor sendo menosprezada e sua “reputação” sendo degradada por seus pares (colegas, meninos e meninas, de turma), por sua família e pela comunidade. Enquanto vemos um movimento do pai da menina de “resolver” a situação (buscando um acordo de casamento), o Sr. Andrews fala para Billy que buscarão em Charlottetown uma mulher mais compatível com seus interesses. A única da família Andrews que se pronuncia sobre a situação é Prissy, relembrando quando também foi perseguida por boatos e comentários.

As repercussões desse caso também se direcionaram à Anne que, num ato de revolta, escreveu para o jornal da escola o artigo intitulado “O que é justo?”, no qual a personagem denuncia que os agressores costumam ser protegidos enquanto a vítima é culpada por situações de assédio. Abaixo um recorte do artigo que Anne escreve:

Nós somos punidas duas vezes – uma vez com a violência, que somos obrigadas a suportar, e, de novo, com o silêncio que somos obrigadas a manter. Não somos culpadas simplesmente porque nos encontramos em situações em que os homens têm a oportunidade de se aproveitar de nós. O fato é que qualquer pessoa pode se aproveitar das mulheres em qualquer lugar. E nunca é nossa culpa.

Essa lógica denunciada por Anne, presente na narrativa de Josie Pye, faz parte do que se chama de “cultura do estupro”. Há, em nossa sociedade, uma racionalidade que permite e possibilita o assédio e abuso de certos corpos, corpos esses que se veem acuados para denunciar as situações de abuso, por saberem que serão culpabilizados. Aquele clássico exemplo, que ainda pode-se ser facilmente observado, quando uma mulher é estuprada e dizem que a culpa é dela, por estar na rua “tão tarde”, “desacompanhada”, ou com “roupas curtas”, afinal, “ela tava pedindo, né?”. Segundo Sales e Silva (2021, p. 24),

Parte da nossa cultura autoriza os homens a violarem os corpos de mulheres, e até mesmo de outros homens, com base na premissa de uma pretensa virilidade que supostamente deveria ser saciada por direito. Como se a masculinidade hegemônica, aquela que autoriza os comportamentos violadores, fosse algo inato e que seria responsabilidade da mulher se precaver das investidas masculinas.

Podemos observar aspectos dessa cultura em todos os espaços da sociedade, às vezes de forma explícita, e outras vezes mascarada, mas costuma sempre estar presente; não por ser incentivado diretamente, mas por ser vinculado à estrutura patriarcal da sociedade. É por isso que essa é também uma realidade presente na escola. Na série, por exemplo, vemos logo nos primeiros episódios (o terceiro da primeira temporada) Anne sendo punida na escola após reagir às investidas de Gilbert, seu colega de turma.

Após ser alertada pelas suas colegas de que não poderia se aproximar de Gilbert, porque o personagem era a paixão de uma das meninas, Anne começa a ignorar o personagem, que fica cada vez mais insistente e curioso, mesmo após a protagonista dizer que não pode falar com ele. Numa tentativa de chamar a atenção de Anne, Gilbert joga papéis em sua mesa e depois deixa uma maçã ao lado da lousa individual da menina. Quando a personagem continua o ignorando, ele puxa seu cabelo e chama de “Ruivinha”. Numa reação rápida, Anne acerta sua lousa na cabeça de Gilbert, gritando que não ia falar com ele. O professor, ao ver a cena, decide punir a menina, dizendo não tolerar atos de violência e, mesmo quando o jovem diz ter sido o culpado, o professor fala que não é desculpa, culpabilizando-a pela reação.

Na cena, podem-se observar alguns comportamentos que se encaixam nessa lógica, na cultura do estupro. Muito além da violação física, essa cultura compreende comportamentos como o de Gilbert (de não respeitar a negativa de Anne) e outros, como parte desse movimento que autoriza essa violação de corpos vulneráveis. E, seja por meio de normas e regras escritas⁹ ou por conteúdos presentes no currículo oculto, as lógicas que constituem a cultura do estupro apresentam-se nas interações do cotidiano escolar.

Sales e Silva (2021, p 21) também abordam outra forma de violação de corpos femininos em que as vítimas são expostas por meio de divulgação de fotos e vídeos íntimos. Embora seja considerado crime, isso ainda permanece acontecendo, como “[...] tentativa de violação moral das vítimas”. Ao expor a vítima, ela torna-se culpada e

⁹ Como exemplo as regras de vestimenta escolar que definem o tamanho das bermudas femininas, sendo justificada no senso comum pela ideia de não “atiçar” os meninos com roupas curtas demais.

responsável pela sua situação de exposição. Assim como aconteceu com Josie Pye na série, há um movimento de condenação moral pública da pessoa exposta.

Outro caso ocorrido na série é no quinto episódio da segunda temporada da série, no qual alguns meninos da turma levantam as saias de Anne e Tillie enquanto ambas estão debruçadas ao leito do riacho para colocar o leite, um hábito rotineiro para mantê-lo fresco. Quando Anne reage e grita com os meninos, Diana diz para ela não se importar, porque “são meninos sendo meninos”.

A fala de Diana (“Não deve ligar, Anne. São meninos sendo meninos”) ressalta a questão de permissividade para os indivíduos masculinos, “(...) com base na premissa de uma pretensa virilidade que supostamente deveria ser saciada por direito” (Sales; Silva, 2021, p. 24). É partindo dessa reflexão que pode ser destacado o questionamento de Tomás Tadeu da Silva (2013, p. 95) sobre a masculinidade.

De forma geral, a pergunta é: como se forma a masculinidade, como se faz do homem um homem? De forma mais importante, perguntar-se: como a formação da masculinidade está ligada à posição privilegiada de poder que os homens detém na sociedade? Ou ainda: como certas características sociais, que podem ser vistas como indesejáveis do ponto de vista de uma sociedade justa e igualitária, como a violência e os impulsos de domínio e controle, estão ligados à formação da masculinidade?

A vinculação entre a construção do que é ser masculino com ser violento é tão forte que, como se mostra na narrativa da série, há uma naturalização cultural, principalmente quando essa violência é direcionada aos corpos vulneráveis ou desviantes. E não pode ser ignorado que o ambiente escolar é um território fecundo para diversos tipos de violência, seja ela por meio de ações individuais ou coletivas, de perseguição ou exclusão. Na escola, não se aprende apenas os conteúdos disciplinares que estão no currículo oficial, mas por meio de outros currículos, se aprende o que deve ou não ser feito, o que pode ou não ser aceito e que pode ou não ser punido.

O juramento das meninas, a fuga do casamento, a tia Josephine e novas possibilidades de ser mulher

No quinto episódio da terceira temporada, as jovens personagens de 16 (dezesseis) anos, declamam um juramento¹⁰ numa noite à luz de uma fogueira, em um grande momento da série. Numa referência ao festival Beltane¹¹, como afirma Anne ao sugerir a ideia, as meninas dançam e brincam ao redor da fogueira, até que Ruby Gillis se afasta emocionada, e quando as meninas questionam, ela apenas diz “Como eu amo ser uma mulher!”¹². Esse momento surgiu em culminância de alguns acontecimentos que fizeram as meninas questionarem o que significava serem mulheres adultas.

Charlie Sloane, um jovem da comunidade de Avonlea, pretende cortejar Anne e diz à menina que se preocupa com ela, porque ela pensa e sente demais, e “uma mente ativa demais deixa as mulheres estéreis”. Quando Anne compartilha a história com as amigas, essa fala deixa todas as meninas ansiosas e ainda mais preocupadas e, como uma forma de recuperarem a ordem e controle, Anne sugere o Beltane.

A cena das meninas dançando ao redor da fogueira se assemelha a uma cena da primeira temporada, quando Prissy Andrews foge de seu casamento. Prissy é a mais velha dos irmãos Andrews, e também uma das alunas mais velhas da turma de Anne. Durante as aulas, vemos o professor Phillips flertando com a jovem, que acaba se apaixonando. Com o decorrer dos episódios, o casamento é planejado e vemos Phillips dizendo à jovem que não deseja que ela estude logo após o casamento e que ela deve se dedicar à nova vida de esposa, contrariando o desejo da personagem de ir para universidade (que era também o desejo de sua mãe, como integrante da CCMP). No dia de seu casamento, Prissy foge da igreja, com as demais meninas indo atrás dela e, após correr certa distância, a noiva para e ri, fazendo com que todas riam com ela, transmitindo um sentimento de alívio e liberdade.

Em ambas as cenas, do Beltane e da fuga do casamento, vemos nas personagens o anseio e a conquista por liberdade e controle de seus próprios corpos e da própria vida. Há diversas outras cenas em que há essa luta das meninas/mulheres por sua liberdade para viver a vida que anseiam, como exemplo o momento em que Diana discute com seus pais,

¹⁰ “Nós mulheres, poderosas e sagradas, declaramos nesta noite abençoada, que nosso corpo celestial pertence somente a nós, iremos escolher a quem amar e em quem iremos confiar, iremos caminhar pela terra com graça e respeito, iremos sempre nos orgulhar do nosso grande intelecto, iremos honrar nossas emoções para que nossos espíritos se elevem, e se qualquer homem nos menosprezar, nos o expulsaremos na hora. Nossos espíritos são inquebráveis, nossa imaginação pode voar, venha conosco deusa, para nos abençoar!”

¹¹ Festival de origem celta que celebra a fertilidade e a primavera, com fogueiras para festejar.

¹² A frase original em inglês (“How I love being a woman”) se tornou uma *trend* nas redes sociais TikTok e Instagram, com imagens e referências à coisas ligadas à feminilidade.

pois deseja ir à universidade (o Sr. Barry chega a dizer à personagem que depois que ela se casar bem ela pode negociar com o marido os caprichos que tiver vontade).

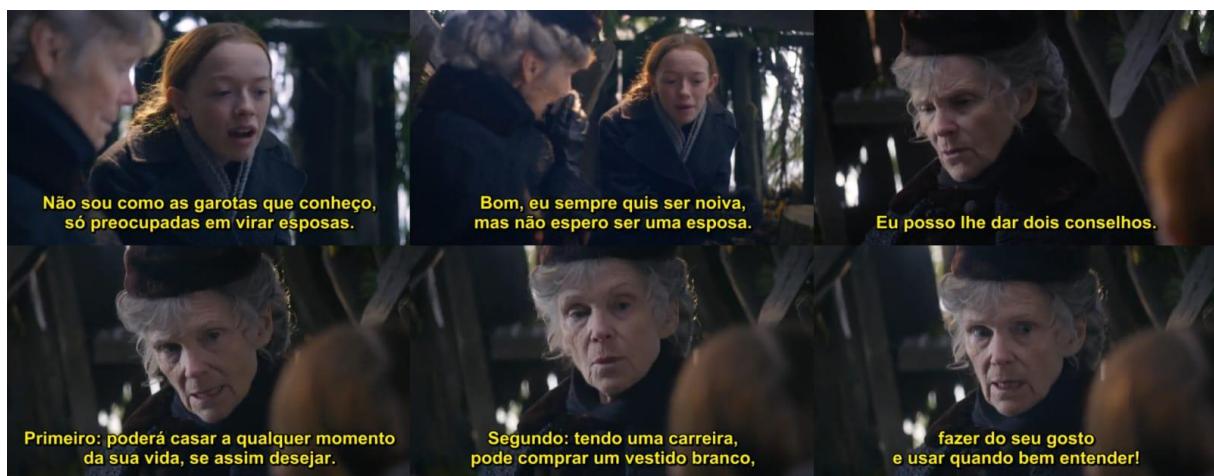
Outra personagem importante é a professora Muriel Stacy, que chega em Avonlea após a saída do professor Phillips, no nono episódio da segunda temporada. Este é um momento marcante para alguns personagens, incluindo para a protagonista. Em sua primeira aparição, a professora está andando em uma bicicleta motorizada, e usando calças também, o que causa estranheza para Marilla e encantamento para Anne, que a veem na estrada.

O início da vida da professora Stacy em Avonlea é fortemente marcado por uma luta para permanecer. Após várias adversidades, e uma intervenção por parte de seus alunos, sua presença passou a ser aceita e valorizada, embora não completamente aprovada, por alguns sujeitos da comunidade. Contudo, a professora marcou momentos de mudança para os jovens e adultos, tornando-se também uma referência para Anne e outras jovens, que decidiram seguir carreira como professoras.

Temos ainda outra personagem marcante na série: Tia Josephine. Na série, a Srtá. Josephine Barry aparece como a tia-avó rabugenta de Diana, que nunca se casou e mora com sua melhor amiga. Quando aparece, a Srt^a Barry se apresenta com arrogância, sem interesse nas jovens ou em algo além. Contudo, com o decorrer da série, compreendemos um pouco mais sobre a natureza da sua existência.

Anne se aproxima de Josephine por achar sua vida incrível. Como acredita que não se casará, a protagonista se encanta pela possibilidade de viver uma vida livre, vivendo com sua melhor amiga, sem compreender que Josephine e Gertrudes (sua companheira) são um casal. Contudo, em uma conversa com a Srtá. Barry, Anne diz que sonha em ser noiva um dia, embora não queira ser esposa, e Josephine aconselha que Anne construa uma carreira, porque, caso queira, pode comprar e vestir quando quiser um vestido de noiva.

Figura 4: Josephine Barry aconselha Anne



Fonte: Recorte do episódio seis da segunda temporada de Anne com um E.

Na cena que se segue, Anne aparece ansiosa e animada, pensando nas novas possibilidades que poderia viver, como se seu mundo se expandisse. A perspectiva que Anne tinha sobre sua existência e sobre a vida que poderia ter se baseava nas perspectivas que foram apresentadas a ela. Esse momento da série pode ser vinculado ao pensamento de Marília Carvalho (2012, p. 403, grifo da autora) afirma que “o gênero é a *lente* por meio da qual olhamos, compreendemos e agimos frente aos corpos e à sexualidade”. A partir do que vemos, da lente que usamos, enxergamos o que está ao nosso alcance. Anne, quando lhe foi apresentada outra lente, pôde observar e reconhecer outras possibilidades, outras formas de ver o mundo e existir nele.

Procedimentos Metodológicos

A pesquisa desenvolvida partiu de uma abordagem qualitativa, que “[...] têm como objetivo geral compreender determinados fenômenos em profundidade. Isso implica explorá-los e descrevê-los por diversas perspectivas [...]” (João Mattar; Daniela Ramos, 2021, p. 131), sendo direcionada por uma perspectiva pós-crítica das ciências humanas.

Temos como *premissa*, em primeiro lugar, que este *nossa tempo tem mudanças significativas na educação* porque mudaram as condições sociais, as relações culturais, as rationalidades. Mudaram os espaços, a política, os movimentos sociais e as desigualdades (...) Por isso tudo, em segundo lugar, temos como *premissa*, ao pesquisar e constituir nossas metodologias de pesquisa pós-crítica, que *educamos e pesquisamos em um tempo diferente*. Tempo que gostamos de chamar de “pós-moderno”, porque ele produz uma descontinuidade com muitas das crias, criações e criaturas da modernidade (...) nas metodologias de

pesquisas pós-críticas que usamos/fabricamos, temos como *premissa*, em terceiro lugar, que *as teorias, os conceitos e as categorias que podem explicar as mudanças na vida, na educação e nas relações que nela estabelecemos são outros* (Marlucy Paraíso, 2012, p. 27, grifo da autora).

Há alguns outros pressupostos e premissas destacados pela autora, que fundamentam pesquisas pós-críticas para currículo e educação. Ainda segundo Paraíso (2012, p. 28), podemos e devemos questionar tudo aquilo que vemos, lemos, sentimos, escutamos e analisamos, a fim de mostrar como as relações de poder se estabelecem para tornar alguns discursos como verdadeiros e outros serem excluídos.

Considerando quais as proposições curriculares podem surgir a partir das vivências relacionadas às questões de gênero experienciadas pela personagem Anne na narrativa seriada “Anne com um E”, foram traçados os objetivos da pesquisa. Para que fossem alcançados os objetivos, a princípio foi feito um levantamento, a partir da ordem linear da série, das cenas e personagens que se relacionavam às temáticas. A seguir, foram selecionadas algumas cenas em específico a fim de que, após a seleção, fossem feitos os *prints* e as colagens e, então, pudessem ser feitas as análises. Partindo desse processo, considera-se que não foi feita apenas uma coleta de dados, mas um processo de produção de dados para análise.

Ao tratarem de “Pistas metodológicas: possibilidades inventivas para pesquisas na internet”, Danilo Oliveira, Luiza Silva-Silva e Shirlei Sales (2024, p. 37) apontam que, em pesquisas na internet “frequentemente há algo que ‘nunca aconteceu antes’ e que demanda de nós invenções, reelaborações, outros caminhos possíveis. Sempre com ousadia, coragem, responsabilidade, comprometimento ético e rigor científico”. Ao se trabalhar com novos conteúdos, com ferramentas/objetos de pesquisa que não se encaixam nos padrões empíricos ou bibliográficos, há a necessidade de se criar caminhos para a produção científica. No caso específico deste trabalho, a metodologia de pesquisa baseou-se na Metodologia-Zapping, elaborando a partir dela formas de produção de dados para análise.

Para análise dos recortes e frames selecionados da série "Anne com um E", foi feita uma apropriação da Metodologia-Zapping, conceituada por Evanilson Gurgel e Marlécio Maknamara (2023). No artigo intitulado como "Zapear: arsenal metodológico para sintonizar políticas de morte e escapes afirmativos em um currículo", publicado no ano de 2023, os autores apresentam os princípios da Metodologia-Zapping, assim como

o percurso metodológico seguido por Evanilson em sua tese de doutorado, referenciada anteriormente.

Ao invés de ‘pular’ de um canal a outro de modo descompromissado, a ‘metodologia-zapping’ está mais alinhada às possibilidades em demorar-se nas imagens que saltam as nossas vistas; em ‘ouvir’ atentamente os ditos e os não ditos; em ‘sintonizar’ diferentes ‘canais’ na busca de compreender as regularidades desses ditos; em dispor de um ‘catálogo’ que corresponda não apenas ao material empírico a ser analisado – as narrativas midiáticas seriadas –, mas também aos saberes articulados e aos modos de operar com esse artefato (Gurgel; Maknamara, 2023, p. 5).

A partir da noção de *zapear* entre as cenas, demorando mais naquelas que são mais relevantes e relacionando-as com outras que seguem uma mesma lógica, foi que foram construídas as análises a partir dos recortes de gênero, sexualidade e relações étnico-raciais da série “Anne com um E”, que tem ao todo episódios, divididos entre as três temporadas, com uma média de 40 minutos cada episódio.

O processo de seleção cenas se deu por meio da construção de uma planilha indicando: a temporada, episódio, momento em que a cena ocorre (tempo do episódio), com qual conceito a cena se relaciona e uma breve descrição da cena em si. Após a criação da planilha, foi o momento de esmiuçar os episódios, assistindo-os um a um e destacando as cenas que poderiam ser identificadas, mesmo que superficialmente, para discutir sobre gênero, raça e sexualidade. Ao fim, foram identificadas 227 (duzentas e vinte e sete) cenas.

A seguir, iniciou-se o processo de seleção de algumas cenas para análise. A princípio, a ideia era selecionar entre três a cinco cenas para cada capítulo, contudo algumas não puderam ser ignoradas, totalizando uma média de 10 (dez) cenas para cada capítulo. Vale ressaltar que a série foi assistida não apenas uma vez, mas já havia sido assistida antes do início da pesquisa e algumas cenas foram revisitadas no decorrer das análises, para a produção dos *prints* e a fim de retomar a contextualização.

A produção das análises não seguiu um percurso estritamente linear de escrita. Embora algumas ações tenham seguido uma ordem, houve retornos, revisões e releituras, assim como mudanças entre as cenas previamente selecionadas, de acordo com o rumo que a discussão tomava, trazendo à tona alguns aspectos mais relevantes para reflexão.

Considerações Finais

A série “Anne com um E” é uma narrativa leve e encantadora, que com sua delicadeza aborda situações complexas de forma sensível. Assim como a protagonista, a narrativa da série carrega leveza mesmo em momentos de tensão. Em toda a narrativa, vemos Anne lidando com naturalidade com questões que, muitas vezes, são consideradas desafiadoras, quando é questionada ou reprimida por ser uma menina, ela reage instintivamente, com naturalidade, sem estranheza, sem marcar a diferença, o que impulsiona os demais ao seu redor.

Com o decorrer da narrativa, vemos Anne amadurecer, e podemos observar que com isso ela aprendeu a performar de forma mais convincente seu papel de mulher. Enquanto menina era travessa demais, intrometida demais; mas enquanto mulher crescida, ela se enquadra melhor nos padrões sociais de uma mulher da época, mesmo que continue com alguns comportamentos “questionáveis”. Esses comportamentos, considerados abomináveis por alguns personagens, são os que permitiram a análise desenvolvida neste trabalho. Mesmo jovem, a protagonista nunca permitiu ser subjugada, oprimida ou humilhada, e isso permitiu que mudanças se instauraram em sua pequena comunidade, e que abrem portas para que possam ocorrer também em nossas salas de aula.

Além disso, a narrativa seriada Anne com um E traz diferentes personagens, com diferentes percursos dramáticos, com grande potencial de serem observados e analisados. No trabalho maior (TCC), foi possível analisar também cenas que abordavam as temáticas de sexualidade e relações étnico-raciais, e ainda observou-se uma abertura para outras análises que poderiam vir a ser realizadas a partir da narrativa seriada, como o recorte de classe social.

Pensar o potencial educativo de uma narrativa seriada é considerar como elementos de nossa vida cotidiana permanecem em nós enquanto estudantes e professores. A série, a partir do que foi explorado neste trabalho (e também a partir do que poderia ter sido explorado em estudos mais aprofundados), apresenta esse potencial pedagógico/educativo ao promover esse vínculo com as vivências de dentro e fora de sala de aula. “Anne com um E” traz em sua construção um currículo, divulgando saberes sobre a existência dos sujeitos que pertencem a narrativa seriada, trazendo imagens de resistência, apresentando táticas que podem ser apropriadas por outros, ensinando novos modos de ser e existir no mundo.

Um episódio, uma cena, uma temporada da série, pode ser material de estudo e discussão em sala de aula, seja por meio de aulas com debates pós-exibição ou estudos dirigidos, é possível usar a narrativa da história de Anne como material pedagógico. E vale ressaltar, por sua delicadeza e leveza, e por ser uma produção pensada para o público infanto-juvenil, há pouquíssimas restrições éticas para exibição e análise.

Contudo, é importante ressaltar que o potencial educativo da série não se dá apenas em sua visualização/exibição. É preciso um olhar atento aos detalhes, às cenas e aos diálogos que podem ser explorados, destacando seu potencial. É sobre as lentes que usamos, enquanto educadores, que nos permitem ver aquilo que buscamos. Há outros temas que podem ser discutidos a partir da série Anne com um E, assim como há diversas outras séries e filmes que podem ser utilizadas de maneira igual, ou ainda melhor, para discutir sobre gênero, mas é o nosso olhar direcionado, com a lente que possuímos, que nos permite ver, explorar, estudar e compartilhar o potencial que se vê.

A ideia de se há apenas uma maneira de se viver, de ver o mundo, apenas uma lente pela qual podemos ver, é limitar a existência a apenas um caminho. Anne percebe, em suas vivências, que há diferentes formas de ver o mundo e encarar a situação em que está. Ao trocar as lentes com as quais via ao seu redor, pôde ver muito além do que esperava, e assim, cria para si e para os espectadores da série imagens de resistência num mundo que entrega apenas uma forma de viver, um currículo a ser seguido. A narrativa da série nos entrega um currículo cultural que nos ensina a ressignificar, a fortalecer e também a resistir a um modo único de viver no mundo.

Reconhecer que a narrativa seriada como “Anne com um E” possui potencial educativo é reconhecer também que há outros artefatos culturais que podem ser explorados para esse e outros fins. É importante reconhecer que saber trabalhar com esse tipo de conteúdo é saber direcionar os debates e discussões que surgem a partir de temas diversos, para que se possa extrair ao máximo o potencial pedagógico desses momentos, dessas vivências, desses artefatos.

Referências

ANNE com um E. **WALLEY-BECKETT, Moira (Criação)**. Canadá: Northwood Entertainment, 2017-2019. 3 temporadas. Série. Netflix, 2017-2019.

CARVALHO, Marília Pinto de. O conceito de gênero no dia a dia da sala de aula. **Revista Educação Pública**, Cuiabá. v. 21, n. 46, p. 401-412, maio/ago. 2012.

CORAZZA, Sandra; TADEU, Tomaz. **Composições**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

GURGEL, Evanilson; MAKNAMARA, Marlécio. Zapear: arsenal metodológico para sintonizar políticas de morte e escapes afirmativos em um currículo. **Acta Educ.**, Maringá , v. 45, 2023 . Disponível em <http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2178-52012023000100226&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 05 de jan. de 2025.

LOURO, Guacira. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. **Pro-Posições**, v. 19, n. 2 - /ago. 2008, p. 17-23. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/pp/a/fZwcZDzPFNctPLxjzSgYvVC/?format=pdf>> Acesso em: 05 de jan. de 2025

MATTAR, J.; RAMOS, D. K. **Metodologia da pesquisa em educação**: abordagens qualitativas, quantitativas e mistas. São Paulo: Edições 70, 2021.

NOGUEIRA, Paulo Henrique de Queiroz; SANTOS, Tales do Amaral. **Juventudes, sexualidade e diversidade**. Belo Horizonte: Fino Traço Editora, 2021. E-book.

OLIVEIRA, Danilo Araujo de; SILVA-SILVA, Luiza Cristina; SALES, Shirlei. Pistas Metodológicas: possibilidades inventivas para pesquisas na internet. In: OLIVEIRA, Danilo Araujo de; SILVA-SILVA, Luiza Cristina; SALES, Shirlei (Orgs.). **Metodologias de pesquisas científicas no ciberespaço/cibercultura**: #netnografia #etnografiadigital #pesquisaemtela #entrevistaonline #análisecultural #análisedodiscocurso_inspiradaemfoucault. Curitiba: Appris, 2024.

PARAÍSO, Marlucy. **Currículo e Mídia Educativa Brasileira**: poder, saber e subjetivação. Chapecó: Argos, 2007.

PARAÍSO, Marlucy. Metodologias de pesquisa em educação e currículo: trajetórias, pressupostos, procedimentos e estratégias analíticas. In: MEYER, Dagmar; PARAÍSO, Marlucy (orgs). **Metodologia de Pesquisa pós-crítica em educação**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012.

SALES, Shirlei Rezendo; SILVA, Luíza Cristina Silva. **Juventudes e Relações de Gênero**. Belo Horizonte: Fino Traço Editora, 2021. E-book.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de Identidade**: uma introdução às teorias do currículo. Belo Horizonte: Autêntica, 3. Ed., 2013.

Recebido em maio de 2025.

Aprovado em junho de 2025.

